

# MEMÓRIA, DIÁSPORA E LAR: UMA LEITURA DE *GEOGRAPHIES OF HOME*

Juliana Borges Oliveira de Moraes

Doutoranda em Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários /  
UFMG

## RESUMO

*Geographies of home* retrata a história de uma família dominicana que emigra para os Estados Unidos. Mesmo após anos, a ideia de “lar” ronda essa família. Seja na forma de um desejo e/ou por meio da memória, lar é apresentado de formas diversas pelas personagens femininas – focos da minha análise.

## PALAVRAS-CHAVE

Memória, diáspora, lar, mulheres

## INTRODUÇÃO

“Because the future can hurt if you deny the past”.<sup>1</sup>

*Geographies of home*, da escritora dominicana Loida Maritza Pérez, publicado em 1999, retrata a história de uma família dominicana que emigra para os Estados Unidos devido à miséria e falta de perspectivas em uma República Dominicana marcada pelos 31 anos da ditadura de Rafael Trujillo. Emigrar se torna uma possibilidade de esperança e de uma melhor condição de vida. Contudo, mesmo após anos vivendo nos Estados Unidos, uma ideia insiste em rondar essa família: a de lar. Seja na forma de um desejo e/ou de uma memória, “lar” é apresentado e reapresentado de formas diversas pelas personagens, principalmente as mulheres – focos da minha análise.

Talvez por se tratar de um contexto de dupla mobilidade cultural, já que as personagens nascem no Caribe, espaço privilegiado da diáspora africana, segundo Stuart Hall,<sup>2</sup> e migram para

---

<sup>1</sup> PÉREZ. *Geographies of home*, p. 132.

os Estados Unidos, constituindo então uma “diáspora da diáspora”,<sup>3</sup> o conceito de lar se torne tão relevante e ao mesmo tempo intrigante no romance. Já no título, *Geographies of home*, percebe-se o lugar de destaque desse conceito. No enredo, de fato, o conceito de lar é problematizado pelas personagens, pois ele não se configura como um lugar fixo ou essencial para o qual se pudesse retornar. A questão do espaço, frente a um mundo de caráter transnacional, segundo Arjun Appadurai,<sup>4</sup> é trazida à tona por meio das várias geografias das personagens em busca de algum lugar a ser chamado de “lar”. Suas trajetórias englobam tanto espaços físicos quanto imaginados e, no que tange aos imaginados, a memória se constitui um caminho importante a ser percorrido.

Proponho no presente trabalho, portanto, fazer uma breve análise de algumas personagens de *Geographies of home* com o intuito de mapear a relação da memória com as buscas por lar(es) no romance. Para tal, fiz o recorte de três personagens, Bienvenida, Aurelia e Iliana, por estarem intimamente interligadas umas às outras na trama, de forma que a análise de uma complementa à das demais.

Antes da análise propriamente dita, faço uma pequena introdução conceitual a respeito da associação entre diáspora, memória e lar, principalmente tendo-se em mente mobilidades culturais no contexto contemporâneo, visto que é sob esse prisma que a diáspora é representada em *Geographies of home*.

## **DIÁSPORA, MEMÓRIA E LAR: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO**

“To remind you that in our blood we carry the power of the sea.”<sup>5</sup>

A dimensão do espaço adquire relevância no romance de Pérez na medida em que as personagens são sujeitos em deslocamento, marcadas pela diáspora. O termo “deslocamento”, por sua vez, “abarca um amplo universo de significado e de relações, sendo a remissão ao lugar (...) o

---

<sup>2</sup> HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 30.

<sup>3</sup> CLIFFORD. *Diasporas*, p. 305, 302-338.

<sup>4</sup> Arjun Appadurai, ao teorizar a nação, postula a possibilidade de uma era “transnacional” ou até mesmo “pós-nacional” (APPADURAI. *Modernity at large*, p. 33) No presente trabalho opta-se pelo termo “transnacional” porque em *Geographies of home* a nação, ainda que imaginada, exerce influência nas construções de lar (es) pelas personagens.

<sup>5</sup> PÉREZ. *Geographies of home*, p. 134.

que articula essa ampla rede conceitual”.<sup>6</sup> A ideia de lugar, portanto, torna-se um ponto-chave quando se pensa em mobilidades culturais, apesar de certa tendência no mundo atual de se invisibilizar especificidades de lugar a favor de uma retórica homogeneizadora pretensamente global.<sup>7</sup> A problematização do conceito, portanto, pode ser lida como uma tentativa de resistir a discursos quaisquer de homogeneização cultural na contemporaneidade.

No presente trabalho adoto o conceito de lugar tal qual sugerido pela geógrafa Doreen Massey: “como algo aberto (...); como um tecer de estórias em processo; como um momento dentro das geometrias de poder; como uma constelação particular dentro de topografias mais amplas de espaço; e como em processo, uma tarefa inacabada.”<sup>8</sup> Massey enfatiza esse conceito, portanto, como uma dimensão que não é coesa, fechada ou antropológica (sendo diferente, então, do lugar que se oporia ao “não-lugar” descrito por Marc Augé). E, tendo-se em vista que em *Geographies of home* as personagens não parecem desejar um lugar essencial, coeso, quer no passado ou no presente, mas parecem construir lares como um momento, um tecer de histórias em processo e como tarefa inacabada, aproximo neste trabalho lugar, na concepção de Massey, com a ideia de lar no romance.

Em relação a lar e diáspora, é importante lembrar que a origem grega da palavra (*dia*: “através”; *sperein*: “espalhar”) remete à dispersão de povos, sugerindo também a ideia de deslocamento. Todavia, quando se pensa em deslocamento e diáspora, logo vem à mente tanto a falta de um lugar de pertencimento, quanto certo sofrimento, por se estar destituído desse lugar. De acordo com William Safran,<sup>9</sup> uma das características definidoras da diáspora seria inclusive a crença de que a terra de origem é o lar ideal, o que culminaria, portanto, em um desejo de retorno a esse local em algum dado momento, ainda que por gerações posteriores.

Contudo, a fim de compreender melhor a relação entre lar e diáspora, cabe lembrar que a diáspora nem sempre foi sinônimo de sofrimento e de perdas, visão discutida por conferir um *status* exclusivo de vitimização a comunidades diaspóricas. Robin Cohen cita, por exemplo, que em 800-600 a.C, por ocasião da colonização grega da Ásia Menor e do Mediterrâneo, a diáspora

---

<sup>6</sup> GONZÁLEZ. Deslocamento/desplacamento, p. 110, 109-127.

<sup>7</sup> RUSSEL. Primitive accumulation, p. 33, 31-46.

<sup>8</sup> MASSEY. *Pelo espaço*: uma nova política de espacialidade, p. 191.

<sup>9</sup> SAFRAN. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return, p. 364, 83-99.

grega possuía uma conotação positiva. Segundo Cohen,<sup>10</sup> somente depois de uma leitura cristã da diáspora dos judeus é que a Babilônia, espaço de exílio, se torna uma metáfora para perda: perda de identidade, perda de uma terra. Enfim, perda de um lar.

Ademais, esse sentido necessariamente negativo da diáspora tem sido problematizado por teóricos na contemporaneidade, além de Cohen,<sup>11</sup> tal como por Avtar Brah, que sugere, por exemplo, que “diásporas são também potencialmente locais de esperança e de novos começos. Elas são terrenos de contestação políticos e culturais onde memórias individuais e coletivas colidem, se reagrupam e se reconfiguram.”<sup>12</sup> A partir, portanto, da memória, seria possível pensar-se em lar também no espaço diaspórico, e não somente como um lugar antropológico a ser resgatado.

Portanto, um desejo necessário de retorno a um lugar é problematizado. Nesse viés, James Clifford afirma que, como a diáspora não é temporária, diferentemente da viagem, comunidades diaspóricas paradoxalmente aprendem a construir “lares longe do lar”:<sup>13</sup> uma visão não levada em consideração, por exemplo, na teorização de William Safran. A diáspora provocaria, portanto, mudanças significativas nas formas de se imaginar comunidades de pertencimento e também nas práticas sociais que indivíduos e comunidades estabelecem no espaço habitado.

Pode-se dizer, então, que a diáspora vem ao encontro de teorizações de Arjun Appadurai,<sup>14</sup> quando afirma que em um mundo globalizado, marcado por uma estética da ruptura, surgem outras formas de imaginação como prática social que expandem aquelas das “comunidades imaginadas” teorizadas por Benedict Anderson.<sup>15</sup> Segundo Appadurai, as “comunidades imaginadas” de Anderson dariam lugar a “mundos imaginados”: “múltiplos mundos que são constituídos por imaginações historicamente situadas de pessoas e de grupos dispersos pelo globo.”<sup>16</sup> Já Homi Bhaba<sup>17</sup> teoriza sobre a instabilidade do discurso da nação

---

<sup>10</sup> COHEN. *Rethinking Babylon: iconoclastic conceptions of the diasporic experience*, p. 253.

<sup>11</sup> COHEN. *Rethinking Babylon: iconoclastic conceptions of the diasporic experience*, p.253.

<sup>12</sup> “Diasporas are also potentially the sites of hope and new beginnings. They are contested cultural and political terrains where individual and collective memories collide, reassemble and reconfigure” (BRAH. *Cartographies of diaspora: contesting identities*, p. 93, tradução nossa).

<sup>13</sup> CLIFFORD, *Diasporas*, p. 314, p. 302-338.

<sup>14</sup> APPADURAI. *Modernity at large*, p. 33.

<sup>15</sup> ANDERSON. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of capitalism*, p. 7.

<sup>16</sup> “imagined worlds, that is, the multiple worlds which are constituted by the historically situated

moderna, enfatizando a sua insuficiência como discurso homogêneo e coeso. Enfim, a instabilidade do discurso da nação, associada a uma configuração transnacional na contemporaneidade devido a migrações – e também a outros fatores, tais quais uma explosão de tecnologias, segundo Appadurai<sup>18</sup> – gera, conseqüentemente, novos entendimentos do que poderia ser concebido como lar.

Enfim, pensando-se na relação entre memória, diáspora e lar, segundo Brah,<sup>19</sup> a memória mediaria uma conexão entre o passado individual e coletivo. Já a partir das considerações de Clifford<sup>20</sup> a respeito de lares longe do lar, a memória poderia constituir um elo entre membros de comunidades diaspóricas, favorecendo, portanto, a imaginação de lares na própria nação adotiva.

Todavia, a associação entre memória e diáspora não se faz destituída de tensões. Isso porque a memória é lacunar, além de ser influenciada por posicionamentos discursivos específicos em cada tempo e contexto. Nesse sentido, segundo Jacques Le Goff,<sup>21</sup> a memória se refere à capacidade de conservar “certas informações”. Isto é, ela é construída a partir de seleções, não sendo um arquivo linear. Somando-se a isso, lembranças e esquecimentos não são aleatórios, especialmente tendo-se em mente regimes ditatoriais ou discursos nacionalistas, tal qual o retratado em *Geographies of home* no que se refere ao período de ditadura na República Dominicana.

Ressalto que a diáspora, ainda que subverta a nação, não se configura alheia a ela, pois, conforme advoga Andreas Huyssen,<sup>22</sup> é no espaço da nação que se configura tanto a marginalização na diáspora quanto possibilidades de negociação no espaço diaspórico. Em *Geographies of home*, o espaço da nação se configura em relação à República Dominicana (como, por exemplo, na memória traumática devido à ditadura de Trujillo e à falta de perspectivas pós-ditadura) e também em relação ao espaço estadunidense devido às várias negociações que acontecem em relação a esses espaços na tentativa das personagens de construir lar(es).

---

imagination of persons and groups around the globe” (APPADURAI. *Modernity at large*, p. 329, tradução nossa).

<sup>17</sup> BHABHA. *O local da cultura*.

<sup>18</sup> APPADURAI. *Modernity at large*, p. 5.

<sup>19</sup> BRAH. *Cartographies of diaspora*.

<sup>20</sup> CLIFFORD. *Diasporas*, p. 305, 302-338.

<sup>21</sup> LE GOFF. *History and memory*, p. 51.

<sup>22</sup> HUYSEN. *Diaspora and nation: migration into other pasts*, p. 154, 147-164.

Ainda no que tange à tensão entre memória e diáspora, Le Goff afirma que a memória é também “um grupo de funções psíquicas que nos permite atualizar impressões passadas ou informações que nós representamos para nós mesmos como passado”.<sup>23</sup> Por meio dessa afirmação, Le Goff<sup>24</sup> enfatiza, portanto, o caráter de processo da memória, em vez de um produto acabado, já que nos permite a atualização de informações. Outro ponto enfatizado é o caráter de representação do espaço da memória: ela atualiza informações que nós representamos como passado, e não o passado em si. A memória não é, portanto, como um disco rígido a armazenar dados confiáveis e estáveis.

É exatamente esse caráter de processo e de representação que faz com que a relação entre memória e diáspora seja tanto intrigante quanto relevante. Por meio de uma análise das construções que são feitas do passado, mas que ocorrem a partir de percepções no presente na diáspora, podemos tentar compreender os processos de identificação e as tentativas de construção de lares por sujeitos diaspóricos.

Finalmente, ressalto que, conforme atesta Aimée G. Bolaños, o conceito de diáspora muda em novos contextos geopolíticos, sendo “ressemantizado na pluralidade de suas conotações viajantes”.<sup>25</sup> A diáspora ganha novo sentido, por exemplo, no contexto do tráfico de escravos a partir do século 16, época na qual se constitui a diáspora africana, descrita por Paul Gilroy.<sup>26</sup> Também é conferido novo sentido à diáspora na contemporaneidade, por meio da configuração de “rediasporizações” ou diásporas da diáspora, segundo James Clifford.<sup>27</sup> Essas duas últimas ressemantizações citadas estão presentes no contexto de *Geographies of home*, objeto de análise do presente trabalho.

## MEMÓRIA, DIÁSPORA E LAR EM *GEOGRAPHIES OF HOME*

---

<sup>23</sup> “a group of psychic functions that allow us to actualize past impressions or information that we represent to ourselves as past” (LE GOFF. *History and memory*, p. 51, 192).

<sup>24</sup> LE GOFF. *History and memory*. p. 51.

<sup>25</sup> BOLAÑOS. Diáspora, p.167-168.

<sup>26</sup> GILROY. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, p. 33.

<sup>27</sup> CLIFFORD. Diasporas, p. 305, 302-338.

“Thankful for the heart propelling her blood in currents that evoked the power of the sea, she [Aurelia] summoned the strength she had inherited from her mother and cast her fears out one by one”.<sup>28</sup>

Com essa pequena introdução, proponho analisar no romance *Geographies of home* a relação entre a memória e lar na diáspora (e/ou rediasporização) a partir de experiências de personagens femininas na narrativa. Primeiramente, “Bienvenida”, personagem que vive na República Dominicana e cuja presença no romance se faz principalmente por meio de lembranças de sua filha, Aurelia, que é uma guardiã de memória na família, repassando saberes a serem perpetuados em uma corrente de gerações.

O próprio nome “Bienvenida” traz uma significação intrigante, uma vez que a memória que essa personagem insiste em perpetuar não é a princípio bem-vinda por quem teria a tarefa de passá-la adiante (no caso, Aurelia). Contudo, no decorrer da narrativa, as lembranças que Aurelia tem de Bienvenida são revisitadas, ou melhor, “atualizadas,” à luz de Le Goff<sup>29</sup> e, em determinado momento, essas lembranças passam a ser compreendidas, inclusive, como possibilidade de construir lares longe do lar.<sup>30</sup> A importância de Bienvenida se faz notada desde o prólogo da narrativa, única cena em que o leitor tem acesso a essa personagem em vida. Todas as outras vezes em que ela aparece na obra é por meio de lembranças, quer de sua filha Aurelia ou de sua neta Iliana.

No prólogo do romance, Bienvenida, na República Dominicana, está em seu leito de morte. Ela passa os olhos pelo quarto e verifica se cada um dos filhos está presente. Percebendo a ausência de Aurelia, sua caçula, ela se vira em direção aos santos que estão sobre a mesa. Franze seu rosto, em atitude de concentração, e seus lábios entoam palavras mudas. Logo em seguida, ela cerra seus olhos.

Já Aurelia, vivendo em outra província da República Dominicana, nesse momento está prestes a dar à luz a Iliana. Ela, de repente, avista um gato preto que a faz estremecer (dado o costume local de se matar todos os gatos pretos imediatamente após o nascimento) e, logo em seguida, sente o cheiro de grama recém-cortada, que imediatamente a transporta à cidade natal de sua mãe. Aurelia então se lembra das palavras de Bienvenida, sua mãe, de que, caso algum filho

---

<sup>28</sup> PÉREZ. *Geographies of home*, p. 135.

<sup>29</sup> LE GOFF. *History and memory*, p. 51.

<sup>30</sup> CLIFFORD. *Diasporas*, p. 305, 302-338.

não estivesse presente no momento de sua morte, ele ainda assim haveria de saber. E, enquanto se lembra disso, seu útero se contrai violentamente, indicando o nascimento de Iliana.

O prólogo, por meio dessa imagem que conecta Bienvenida, Aurelia e Iliana, já indica a interligação dessas três personagens na trama, principalmente no que se refere à tarefa de lembrar. Em relação a Aurelia, em determinado ponto do romance, o narrador, em terceira pessoa, revela que

cada vez mais Aurelia se pegava lembrando de um passado distante. (...) Enquanto mergulhava no passado ela estava consciente de que algo estava faltando no presente – algo que sua mãe havia possuído e repassado para ela, mas que ela havia desconsiderado e falhado em repassar para seus próprios filhos. Ela não conseguia identificar o que era, mas a ausência [desse algo] era sentida tão agudamente quanto a angústia durante a fome. E ela estava determinada a descobrir o que havia causado essa perda e como ela havia conseguido chegar ao presente para que ela pudesse se guiar em direção ao futuro.<sup>31</sup>

Esse algo ausente na vida de Aurelia parece ser a própria tarefa de lembrar, conferida a ela por sua mãe, Bienvenida, na última ocasião em que se encontram.

Aurelia se recorda de que na ocasião de sua última visita à sua casa de infância, Bienvenida se refere à sua própria morte, dando instruções à sua filha de como proceder. Primeiramente, sua mãe lhe entrega uma colcha inacabada, constituída por meio de retalhos de roupas de membros da família, à medida que faleciam. Prevendo que estava chegando a sua hora, Bienvenida entrega a Aurelia um retalho de sua própria vestimenta para que fosse também incorporado à colcha.

Aurelia, no entanto, compreende a tarefa como uma crueldade e pergunta à mãe o seu porquê. Bienvenida responde: “Porque o futuro pode doer se você nega o passado. Porque eu quero que você nunca esqueça. Porque, como a minha filha mais nova, é sua a tarefa de me incluir na colcha.”<sup>32</sup> Todavia, Aurelia, em vez de seguir as instruções da mãe, prefere descartar tanto a colcha quanto outros objetos entregues a ela tão logo deixa a casa de Bienvenida.

---

<sup>31</sup> “More and more Aurelia found herself remembering the distant past. (...) As she delved into the past she was conscious of something missing in the present – something her mother had possessed and passed along to her which she had misplaced and failed to pass on to her own children. She could not identify what it was, but its absence was felt as acutely as hunger pangs. And she was determined to discover what had caused the loss and to figure out how she had brought herself to the present moment so that she might guide herself into the future” (PÉREZ. *Geographies of home*, p. 23, tradução nossa).

<sup>32</sup> “Because the future can hurt if you deny the past. Because I want you never to forget. Because, as the



O tempo passa e certo dia, já nos Estados Unidos – enquanto aguarda uma de suas filhas ser liberada após uma tentativa de suicídio –, Aurelia se diz pela primeira vez arrependida de não ter guardado os presentes de sua mãe, entre eles a colcha. Em relação à colcha de retalhos, cabe ressaltar a associação desta com uma memória compartilhada no romance em tela. Se segundo Anh Hua uma colcha de retalhos apresenta a estética de quem a tece – sua forma de compreender suas próprias histórias<sup>33</sup> –, no caso da colcha de *Geographies of home* a responsabilidade do tecer não é individual, mas compartilhada, em um processo contínuo e intergerações do tecer de retalhos.

Para Hua, a colcha de retalhos pode ser vista como metáfora para o próprio processo de memória, na medida em que, assim como a memória, a colcha é construída por meio de seleções, no caso, dos retalhos, a fim de que se possa configurar uma certa imagem. Em relação à memória, seleções pressupõem escolhas para que se forme uma lembrança que melhor convém para determinada versão da história. No romance em questão, o processo de seleção é ilustrado na preocupação de Bienvenida em escolher um retalho que fosse o mais apropriado possível. A seleção de retalhos da colcha dessa família, portanto, parece ser feita pelo próprio dono da vestimenta a ser incorporada e não por quem o tece, enfatizando o seu cunho coletivo. Na ocasião do pedido de Bienvenida, Aurelia se sente, contudo, desconfortável com a responsabilidade que lhe é dada e, por isso, secretamente, descarta a colcha no intuito de também descartar a tarefa de se lembrar.

No entanto, diferentemente do que supõe, Aurelia não fracassa em repassar a tarefa adiante, pois Iliana notadamente a recebe, ainda que também um tanto quanto a contragosto. Iliana, como citado anteriormente, nasce assim que Bienvenida morre, sugerindo uma interligação não casual entre essas mulheres.

Há no romance a configuração de uma rede de conexão por meio da transmissão de valores e de saberes entre as personagens destacadas. Tem-se a presença, portanto, de três mulheres de gerações diferentes com a função de “lembrar”. Elas teriam essa missão, ou até maldição, pois, na visão de Aurelia, seu irmão Virgílio, também dotado desse “talento”, teria preferido o suicídio à tarefa. Lembrar, portanto, não se faz dissociado de dor e de sofrimento no romance: dor pela consciência de uma ausência, dor pela consciência de uma história marcada

---

youngest of my children, it is for you to sew me in” (PÉREZ. *Geographies of home*, p. 132).

<sup>33</sup> HUA. *Diaspora and cultural memory*, p. 192, 191-206.

pela ruptura, à luz de Stuart Hall.<sup>34</sup> Ressalto a afirmação de Hall, pertinente para o contexto de *Geographies of home*, de que comunidades diaspóricas africanas e suas rediasporizações se relacionam com a história não por um local puro em comum, mas por uma ruptura de uma pretensa linearidade em comum. No caso, o ponto de descontinuidade seria o tráfico de escravos.

No que se refere à memória no romance analisado, a transmissão de valores que ocorre entre Bienvenida, Aurelia e Iliana pode ser compreendida por meio do conceito de “memória cultural”, teorizado por Jan Assmann. Segundo Assmann, nossa memória não tem somente uma base social, mas também uma base cultural.<sup>35</sup> Cabe lembrar que Maurice Halbwachs defende uma base social para a memória, porque, segundo ele, esta dependeria de uma estrutura comunicativa para operar e, portanto, uma estrutura somente possível a partir do momento em que nos tornamos um “ser social”.<sup>36</sup> A partir de teorizações de Halbwachs, Assmann, por sua vez, defende que a comunicação estaria para a memória social assim como a tradição para a memória cultural. E, por tradição, Assmann compreende “um caso especial de comunicação, na qual a informação não é passada de forma recíproca e horizontal, mas é transmitida verticalmente ao longo das gerações”.<sup>37</sup> Finalmente, Assmann pondera que a memória cultural seria mais uma forma de memória comunicativa, sendo, portanto, também uma faceta da memória coletiva teorizada por Halbwachs.

Em *Geographies of home* a tradição nessa perspectiva de comunicação verticalizada é configurada pela corrente de gerações que se forma entre Bienvenida, Aurelia e Iliana. Mas, antes de dar prosseguimento à análise, pontuo que o conceito de tradição é problematizado no contexto da diáspora. No presente trabalho adoto, além da definição de Assmann, a problematização feita por Gilroy e por Hall no que tange a esse conceito.

Primeiramente, segundo Gilroy, na diáspora africana (e, por extensão, em sua rediasporização), “o termo tradição não está sendo usado agora nem para identificar um passado perdido nem para nomear uma cultura de compensação que restabeleceria acesso a ele”, já que não se pensa em uma África autêntica e pura para ser identificada e/ou resgatada. Gilroy afirma

---

<sup>34</sup> HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 30.

<sup>35</sup> ASSMANN. *Religión y memoria cultural*, p. 25.

<sup>36</sup> HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 43.

<sup>37</sup> “un caso especial de comunicación, en el que a la información no se la intercambia recíproca y horizontalmente, sino que se la transmite verticalmente a lo largo de generaciones” (ASSMANN. *Religión y memoria cultural*, p. 25, tradução nossa).

que a ideia de tradição se configura, portanto, não como “peça central de um gesto retórico que assevera a legitimação de uma cultura política negra paralisada”,<sup>38</sup> mas sim como “reinvenção ativa dos rituais e ritos de tradições africanas perdidas”.<sup>39</sup> Em suma, a tradição denotaria uma releitura de culturas africanas várias: uma “memória viva”.<sup>40</sup>

Já Hall pondera sobre esse conceito quando teoriza a problemática de se tentar reconstruir identidades caribenhas por meio de um retorno a fontes ditas originárias. Segundo ele, retrabalhar a África na trama caribenha tem sido um elemento poderoso e subversivo.<sup>41</sup> Porém, Hall, incluindo-se em sua teorização, enfatiza que esse retrabalhar da África

não se deve principalmente ao fato de estarmos ligados ao nosso passado e herança africanos por uma cadeia inquebrantável, ao longo da qual uma cultura africana singular fluiu imutável por gerações, mas pela forma como nos propusemos a produzir de novo a “África,” dentro da narrativa caribenha. (...) Em cada conjuntura tem sido uma questão de interpretar a “África,” reler a “África,” [de perceber o que] a “África” poderia significar para nós hoje, depois da diáspora.<sup>42</sup>

A tradição, portanto, não é nem para Gilroy e nem para Hall um resgate de uma cultura pura ou paralisada no tempo, mas uma possibilidade de releitura de “África” como metáfora, tendo-se em mente os dias de hoje.

Em *Geographies of home* a tradição (e, por extensão, a memória cultural) se torna um elemento importante por dois motivos: primeiramente, ela permite a visibilização de aspectos submersos por discursos oficiais. E, em segundo lugar, ela se constitui um elemento identitário na diáspora. Em relação ao primeiro motivo, a partir de teorizações de Halbwachs sobre a memória coletiva,<sup>43</sup> Michael Pollak faz a ressalva de que essa memória nem sempre tem um caráter de celebração, conforma subentenderia Halbwachs em sua afirmação de que a memória coletiva reforça os sentimentos de pertencimento por meio de uma adesão afetiva ao grupo.<sup>44</sup> Segundo Pollak, na tradição europeia do século 19, é a memória nacional a forma mais completa de uma

---

<sup>38</sup> GILROY. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, p. 354.

<sup>39</sup> GILROY. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, p. 361.

<sup>40</sup> GILROY. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, p. 370.

<sup>41</sup> HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 40.

<sup>42</sup> HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 40.

<sup>43</sup> HALBWACHS. *A memória coletiva*.

<sup>44</sup> POLLAK. *Memória, esquecimento, silêncio*, p. 3, 3-15.

memória coletiva. E, para Pollak, estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função, não se podendo esquecer de que existe também um “caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva”.<sup>45</sup>

Considerando a República Dominicana, sabe-se, por exemplo, que historicamente há uma luta entre esse país e o Haiti desde a independência. Uma das formas de governantes dominicanos tentarem estabelecer uma diferença entre esses países e, assim, criar uma imagem nacional dominicana oficial foi por meio da etnia: os haitianos são considerados negros, ao passo que os dominicanos não. As políticas antihaitianas atingem seu ápice em 1937, por ocasião do “El Corte”, episódio no qual mais de 20.000 haitianos foram mortos na República Dominicana, a mando de Rafael Trujillo.<sup>46</sup> A memória oficial da República Dominicana, portanto, tende a invisibilizar culturas ditas compósitas, como as afrocaribenhas, e conferir um valor maior àquelas compreendidas como atávicas, de origem europeia, à luz de Édouard Glissant.<sup>47</sup> E, nesse sentido, Le Goff afirma que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva”.<sup>48</sup> No romance de Pérez, o vodou é um elemento afrocaribenho “esquecido” pelo discurso oficial dominicano, conforme citado anteriormente. No entanto, ele é praticado por Bienvenida e repassado à sua filha Aurelia, sendo, de certa forma, um elemento de resistência a discursos oficiais.

Já o segundo motivo para a relevância da tradição no romance se deve ao fato de que ela se constitui como um importante elemento identitário. É a partir da tradição afrocaribenha, da qual o vodou faz parte, que Aurelia afirma conseguir ter forças para viver no país adotivo, favorecendo, portanto, a sua construção de lar na rediasporização. A saber, em determinada ocasião, cansada de testemunhar as consequências de abuso doméstico sofrido pela filha Rebecca, Aurelia é aconselhada por uma amiga a resolver a situação com suas próprias mãos. Contudo, se o leitor esperaria que esta fosse à casa do genro e tirasse satisfações ou o agredisse diretamente, a narrativa apresenta uma outra possibilidade.

---

<sup>45</sup> POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 4, 3-15.

<sup>46</sup> ITZIGOHN; DORE-CABRAL. The manifold character of panethnicity: Latinos identities and practices among Dominicans in New York City, p. 323, 319-35.

<sup>47</sup> GLISSANT. *Introdução a uma poética da diversidade*.

<sup>48</sup> LE GOFF. *History and memory*, p. 422.

Aurelia vai ao mercado e compra galinhas vivas. O vendedor, surpreso pelo fato de que essa senhora não lhe pede que mate e/ou depene as galinhas, a alerta de que o trabalho de depenar é árduo e que ela poderia usar o tempo que gastaria com essas atividades para coisas mais importantes. Aurelia, no entanto, diz que gosta do rito de matar e depenar as galinhas, já que seria um hábito antigo. Desconfiado, o vendedor brinca: a senhora está planejando fazer vodou com essas aves? Aurelia o responde dizendo que isso provavelmente seria mais divertido, mas que não. As aves são para a ceia de Natal. Ela então ri e parte com as galinhas vivas.<sup>49</sup> E, quando questionada por Papito, seu marido, Aurelia se justifica dizendo que só quer fazer esse trabalho em honra dos velhos tempos.

A narrativa, nesse episódio específico, apresenta duas cenas simultâneas: por um lado, a cena de Aurelia depenando e preparando as galinhas; e por outro, a cena da morte por asfixia de Pasi3n, marido de Rebecca, em meio a galinhas que ele insistia em ter em seu apartamento, apesar de sofrer de asma. Todo o processo de prepara33o das galinhas 3 descrito por meio de l3xico da ordem do sagrado, tal qual “ritual”, “banquete”, “oferta”, sugerindo uma inten33o que extrapola o campo do profano, do ordin3rio.

N3o h3 no romance, no entanto, uma declara33o de Aurelia que explicita alguma inten33o outra que o simples cozimento das galinhas para ceia de Natal. No entanto, a cada pena retirada, percebe-se, em contraponto, a ang3stia de Pasi3n pela falta de ar. O resultado final s3o, por um lado, duas galinhas cozidas e ofertadas em banquete de Natal para a fam3lia; e por outro, a morte de Pasi3n em meio a galinhas e penas esvoa3antes. O epis3dio da morte de Pasi3n 3 relevante na narrativa n3o s3 porque se sup3e o fim do sofrimento de Rebecca, mas principalmente porque ele se constitui um marco de identidade para Aurelia.

A partir desse momento, ela se diz forte e capaz de criar ra3zes, apesar do solo cinzento dos Estados Unidos. Essa fortaleza se contrap3e 3 figura de fraqueza descrita no in3cio da narrativa, por ocasi3o da chegada de Aurelia ao pa3s adotivo. Nessa ocasi3o, seu sentimento 3 de desenraizamento e ela inclusive adocece, sendo hospitalizada. No entanto, n3o se configura um desejo de retorno em rela33o ao pa3s natal. Isso porque Aurelia se mostra ciente das agruras sofridas t3m3m na Rep3blica Dominicana:

---

<sup>49</sup> P3REZ. *Geographies of home*, p. 254.

Não é que ela romantizava o passado ou acreditava que as coisas haviam sido melhores tempos atrás. Ela havia sido pobre inclusive na República Dominicana.<sup>50</sup>

Dessa forma, percebe-se que, ainda que vivendo a diáspora, as percepções de Aurelia não são alheias à nação, conforme atesta Huyssen quando teoriza memória e diáspora.<sup>51</sup> Ela é influenciada tanto pelo espaço estadunidense, em suas experiências presentes, quanto pelo dominicano, por meio de suas lembranças. No que tange a lar, ressalto, no entanto, que a memória cultural exerce uma grande influência na negociação de pertencimento de Aurelia no espaço estadunidense, enfatizando, portanto, um caráter transnacional da diáspora.

A conclusão de Aurelia a respeito de lar no romance é, então, sinalizada pelo narrador:

Por mais de quinze anos mudando de apartamento em apartamento, ela havia sonhado não em retornar, mas em ir para a casa/lar. De ir para casa/lar para um lugar localizado em mapa nenhum (...). Só agora ela tinha compreendido que sua alma havia desejado ardentemente não um lugar geográfico mas uma moldura capaz de acomodar qualquer lugar como lar.<sup>52</sup>

Assim, apesar de ao longo do romance Aurelia passar por várias tentativas de construção de lar na diáspora, ela aparece conseguir fazê-lo de forma mais efetiva quando assume a importância do lembrar por meio da memória cultural.

No que se refere a Iliana e sua relação com a memória na busca por lar, no primeiro capítulo tem-se a descrição de sua viagem de volta para a casa dos pais, em Nova Iorque, após um ano e meio na universidade. Durante o caminho, percebe-se que ela tenta rememorar aspectos dessa casa tal qual uma “pátria imaginada”:<sup>53</sup> amarela e aconchegante como o calor do sol da República Dominicana; com móveis rústicos; enfim, um microcosmo de uma pátria idealizada. No entanto, assim que chega à casa dos pais, Iliana percebe que esse local não corresponde às imagens de suas lembranças: as cores estão diferentes, os móveis vindos da República Dominicana haviam sido trocados; e a receptividade que tem é oposta àquela que esperava: sua

---

<sup>50</sup> “It wasn’t that she romanitized the past or believed that things had been better long ago. She had been poor even in the Dominican Republic” (PÉREZ. *Geographies of home*, p. 23).

<sup>51</sup> HUYSSSEN. *Diaspora and nation: migration into other pasts*, p. 154, 147-164.

<sup>52</sup> “Throughout more than fifteen years of moving from apartment to apartment, she had dreamed not of returning, but of going home. Of going home to a place not located on any map (...). Only now did she understand that her soul had yearned not for a geographical site but for a frame of mind able to accommodate any place as home” (PÉREZ. *Geographies of home*, p. 137).

<sup>53</sup> RUSHDIE. *Imaginary homelands*, p. 10. p. 9-21.

irmã, ao vê-la por entre um vão, bate a porta em sua cara. Uma ideia de lar tal qual um lugar fixo e coeso é logo, portanto, colocada por terra na experiência de Iliana, já no primeiro capítulo do romance.

Iliana começa, então, uma jornada de incessante negociação entre passado e presente; e entre lembranças e esquecimentos, em sua busca por lar nos Estados Unidos. E, tendo passado por uma série de situações que confrontam a ideia de lar como uma casa, ou como uma “comunidade imaginada,” à luz de Anderson,<sup>54</sup> ou ainda como qualquer local geográfico, ela percebe que lar poderia, talvez, se referir a uma dimensão outra. E, em determinado momento da narrativa, ela encontra uma foto antiga de seus pais em um álbum de família, que a intriga:

eles não sorriam e nem tampouco franziam a testa, mas olhavam com firmeza para a câmera como se preparados para enfrentar quaisquer desafios que a vida pudesse colocar em seus caminhos. (...) apesar da aparente falta de emoção em seus rostos, seus olhos sugeriam histórias apenas esperando para serem contadas. Iliana desejava muito ouvir essas histórias. Conhecendo pouco das vidas de seus pais, ela queria aprender sobre o passado do qual eles raramente falavam. Ela também queria pedir emprestada a força que ela via refletida em seus olhos.<sup>55</sup>

Iliana demonstra, portanto, o desejo de conhecer sobre o passado a fim de ter forças no presente, lembrando um pouco o processo pelo qual sua mãe passa em uma busca por lar.

Essa personagem passa, então, a prestar mais atenção a seus pais, principalmente à sua mãe, Aurelia. No decorrer da narrativa ela nota, por exemplo, particularidades de Aurelia que passam despercebidas por outros membros da família, tal qual a força incomum de Aurelia ao fazer as tarefas da casa: acordando de madrugada incansavelmente para escovar o chão já limpo; torcendo lençóis com uma força interminável; e picando cebolas com uma faca de tal forma amolada, perigosamente tocando seu polegar; e em uma velocidade tal que amputaria o dedo de qualquer outro que aventurasse na mesma tarefa.<sup>56</sup> Iliana também percebe a força de Aurelia como figura de autoridade, a quem até Papito, o marido, se rende nos momentos de maior tensão

---

<sup>54</sup> ANDERSON. *Imagined communities*, p. 7.

<sup>55</sup> “They neither smiled nor frowned but gazed unflinchingly at the camera as if prepared to confront whatever challenges life might throw their way. (...) although their faces appeared to shield no emotions, their eyes suggested stories only waiting to be told. Iliana ached to hear those stories. Knowing little of her parents’ lives, she wanted to learn of the past of which they rarely spoke. She also wanted to borrow from both the strength she saw reflected in their eyes” (PÉREZ. *Geographies of home*, p. 44).

<sup>56</sup> PÉREZ. *Geographies of home*, p. 3.

da família. Iliana inclusive acha que sua mãe poderia talvez ser uma bruxa, devido à força física (que não condizia nem à sua estatura e nem à sua idade) e moral.

Aurelia e Iliana estão interligadas por forças não convencionais, tal qual por vezes telepáticas. É, por exemplo, a voz que Iliana ouve de Aurelia enquanto na universidade o motivo principal que a compele a retornar para casa. Essa voz a deixa a par de todas as mazelas acontecidas com seus irmãos e é logo associada à voz de sua mãe, porque, em todas as conversas por telefone com Aurelia, essa sempre começava a conversa do ponto que a voz havia parado. Iliana sente medo, desejando não mais ouvi-la, mas também atração, pois a voz parece surgir e trazer conforto nas suas situações de maior dificuldade.

Ademais, essa voz conecta Iliana a Bienvendia, pois falava para Iliana de seu nascimento imediato à morte de sua avó.<sup>57</sup> Constitui-se, portanto, o elo intergerações citado anteriormente. Ainda no que tange a uma comunicação não convencional entre Iliana e Aurelia, esta, por sua vez, também parece saber de coisas não reveladas por aquela, tal qual o fingimento de apendicite de Iliana quando ainda criança. Outra ocasião que ilustra essa interligação é na chegada de Iliana na casa de Aurelia: apesar de acontecer sem sobreaviso, Iliana se surpreende ao notar que é recebida para almoçar com seu prato predileto à mesa. Aurelia, por outros meios, já havia pressentido a sua chegada. Essa interligação reforça na trama a linha de continuidade entre Bienvenida, Aurelia e Iliana.

A conclusão de Iliana, em relação a lar, é que

tudo o que ela havia experimentado; tudo o que ela continuava a sentir por aqueles cujas vidas estariam intrinsecamente ligadas à dela; tudo o que ela havia herdado de seus pais e aprendido de seus irmãos a ajudariam em sua passagem pelo mundo. Ela não deixaria nenhuma memória para trás. Todas elas eram ela mesma. Todas elas eram lar.<sup>58</sup>

Iliana, portanto, considera lar tudo o que parte dela: experiências, família, lembranças. Ou, ainda, “uma constelação particular dentro de topografias mais amplas de espaço,” que é uma definição

---

<sup>57</sup> PÉREZ. *Geographies of home*, p. 4.

<sup>58</sup> “everything she had experienced; everything she continued to feel for those whose lives would be inextricably bound with hers; everything she had inherited from her parents and gleaned from her siblings would aid her in her passage through the world. She would leave no memories behind. All of them were herself. All of them were home” (PÉREZ. *Geographies of home*, p. 321).



de Massey para lugar.<sup>59</sup> Enfim, Iliana anseia por lugar, e não necessariamente um território físico, tal qual uma casa ou um país.

Concluindo, a análise das personagens femininas em *Geographies of home* ilustra a afirmação de Brah, de que, na diáspora contemporânea, ainda que fundada na dinâmica dispersiva a partir de um *locus* originário, nem sempre a aspiração do regresso ao país natal é determinante, embora o tema do lar continue patente.<sup>60</sup> Na narrativa em questão, lar é, inclusive, o foco central das personagens. E, a fim de melhor compreender esse foco, o conceito de lugar proposto por Massey se constitui ferramenta importante de análise: não como um lugar antropológico, mas como um lugar aberto, “um tecer de histórias em processo”.<sup>61</sup> Lar, para as personagens, segue essa vertente. E, finalmente, as geografias de lar no romance apresentam a memória como um mediador privilegiado na construção de lugar: mais precisamente, a memória cultural.

#### ABSTRACT

*Geographies of home* portrays a Dominican family who has immigrated to the United States. Even after years of settlement the idea of home haunts this family. Whether as a desire and/or a memory, home is presented in numerous ways by the women characters – objects of my analysis.

#### KEYWORDS

Memory, diaspora, home, women

#### REFERÊNCIAS

AGNEW, Vijay. *Diaspora, Memory and Identity: a search for home*. Toronto: UTP, 2005.

AHMED, Sara. Home and away. In: \_\_\_\_\_. *Strange encounters: embodied others in post-coloniality*. London/New York: Routledge, 2000. p. 77-94.

---

<sup>59</sup> MASSEY. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*, p. 191.

<sup>60</sup> BRAH. *Cartographies of diaspora: contesting identities*, p. 193.

<sup>61</sup> MASSEY. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*, p. 19.

- ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of capitalism*. New York: Verso, 1991.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- ASSMANN, Jan. *Religião y memoria cultural*. Buenos Aires: Ediciones Lilmod, 2008.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BARONIAN, Marie-Aude; BESSER, Stephan; JANSEN, Yolande. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Diaspora and memory: figures of displacement in contemporary literature, arts and politics*. Amsterdam/New York: Rodopi DV. 2006. p. 9-16.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- BHABHA, Homi. *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. New York: Routledge, 1996.
- BRAZIEL, Jana Evans; MANNUR, Anita. Nation, migration, globalization: points of contention in diaspora studies. In: BRAZIEL, Jane Evans; MANNUR, Anita (Ed.). *Theorizing diaspora: a reader*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 1-22.
- BOLAÑOS, Aimée G. Diáspora. In: In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 167-188.
- CLIFFORD, James. Diasporas. *Cultural Anthropology*, Northampton, n. 9, v. 3, p. 302-338, 1994.
- COHEN, Robin. Rethinking Babylon: iconoclastic conceptions of the diasporic experience. In: VETOVEC, Steven; COHEN, Robin (Ed.). *Migration, diasporas and transnationalism*. Northampton: Edward Elgar Pub, 1999.
- FRIEDMAN, Susan Stanford. *Mappings: feminism and the cultural geographies of encounter*. Princeton: Princeton UP, 1996.
- GEORGE, Rosemary. *The politics of home: postcolonial relocations and the twentieth-century Fiction*. Los Angeles: UP California, 1999.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1991.
- GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento/desplacamento. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 109-127.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. Culture Identity and diaspora. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Ed.). *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. London: Pearson Education, 1994. p. 392-403.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

- HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In: KING, Anthony D. (Ed.). *Culture, globalization and the world-system: contemporary conditions for the representation of identity*. Minnesota: U. Minnesota P., 1997a. p. 42-68.
- HALL, Stuart. The local and the global: globalization and ethnicity. In: KING, Anthony D. (Ed.). *Culture, globalization and the world-system: contemporary conditions for the representation of identity*. Minnesota: U. Minnesota P., 1997b. p. 19-41.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Ed.). *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge U. P., 1983.
- HUA, Anh. Diaspora and cultural memory. In: AGNEW, Vijay (Ed.). *Diaspora, memory and identity: a search for home*. Toronto: UTP, 2005. p. 191-206.
- HUYSSSEN, Andreas. Diaspora and nation: migration into other pasts. *New German Critique*, Ithaca, n. 88, p. 147-164, 2003.
- ITZIGOHN, José; DORE-CABRAL, Carlos. The manifold character of panethnicity: Latino identities and practices among Dominicans in New York City. In: LÁO-MONTES, Augustin; DÁVILA, Arlene (Ed.). *Mambo Montage: the latinization of New York*. New York: Columbia U.P., 2001. p. 319-35.
- KAPLAN, Caren. *Questions of travel: postmodern discourses of displacement*. Durham: Duke UP, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *History and memory*. Trad. Steven Rendall e Elizabeth Claman. New York: Columbia P, 1992.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MASSEY, Doreen *Space, place and gender*. Minneapolis: U. Minnesota P., 1994.
- OLMOS, Margarite Fernández; PARAVISINI-GEBERT, Lizabeth (Ed.). *Creole religions of the Caribbean: an introduction from voodoo and santería to obeah and espiritismo*. New York: New York UP, 2003.
- PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of home*. New York: Penguin, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.
- SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin (Ed.). *Migrations, diasporas and transnationalism*. Cheltenham/Northampton: Edward Elgar, 1999. p. 83-99.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- RUSHDIE, Salman. Imaginary homelands. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Imaginary homelands essays and criticism 1981-1991*. London: Granta Books, 1991. p. 9-21.
- RUSSEL, Wendy. Globalism, primitive accumulation, and nishnawbe aski territory: the strategic denial of place-based community. In: BRYDON, Diana; COLEMAN, William D. (Ed.). *Renegotiating community: interdisciplinary perspectives, global contexts*. Toronto: UBC Press, 2008. p. 31-46.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Trad. Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós, 2000.

TORRES-SAILLANT, Silvio. Diaspora old and new: women in transnational World. *Textual Practice*, Minneapolis, v. 2, n. 10, p. 245-269, 1996.

TORRES-SAILLANT, Silvio. The Tribulations of Blackness: stages in Dominican Racial Identity. *Callaloo*, v. 23, n. 3, p. 1086-1111, 2000.